EDIÇÃO LISBOA QUA 20 JUL 2016 | HOJE Filmes do Mundo 3.º DVD *Cemitério do Esplendor* | Por + 10€

publico.pt

Vagas no superior com aumento residual após quatro anos de queda

Há mais 133 lugares do que em 2015, num total de 50.688 vagas. Saúde e engenharias lideram no número de lugares. "O país precisa de engenheiros como de pão para a boca", diz bastonário dos Engenheiros **Destaque, 2/3**

MIGUEL MANSO

HOLLANDE EM PORTUGAL
O PESADELO DE NICE PAIROU SOBRE UMA VISITA-RELÂMPAGO

Portugal, 6

O Presidente francês esteve ontem pouco mais de quatro horas em Lisboa. Falou mais de terrorismo do que de políticas orçamentais

Quartos de doentes com infecção hospitalar vão ter sinais de alerta

Há dois direitos em conflito, mas o Conselho de Ética diz que infecções são "problema maior" de saúde pública. O objectivo é prevenir **p10**

As mulheres republicanas que apoiam Hillary Clinton

Conservadoras anti-Trump mudam o voto. Convenção arranca com polémica de plágio. *Por Alexandre Martins, em Cleveland* **p20/21**

Turquia quer que EUA extraditem rival do Presidente Erdogan

Governo de Ancara diz que tem provas do envolvimento do imã Fethullah Gülen na tentativa de golpe de Estado da semana passada **p18**

POKÉMON GO JOGO DA NINTENDO FAZ DISPARAR ACÇÕES NA BOLSA E LEVA LOJAS A ATRAIR CLIENTES

Economia, 17

Reserva prometida a Bruxelas nunca ficou intacta

Desde 2009, nenhum Governo dispensou a reserva orçamental a que António Costa recorrerá se as contas públicas derraparem **p14**

Grupo Impala condenado a indemnizar Santana

Antigo primeiro-ministro terá direito a 395 mil euros por artigos falsos sobre o alegado gosto pelas noites de folia, diz tribunal **p11**

ISNN:0872-1548

Ano XXVII | n.º 9591 | **1,20€** | Directora: Bárbara Reis | Adjuntos: Nuno Pacheco, Pedro Sousa Carvalho, Áurea Sampaio, Sérgio B. Gomes, Victor Ferreira | Dir. Internacional e de Parcerias: Simone Duarte | Dir. Criativa: Sónia Matos

ENSINO SUPERIOR

Depois de quatro anos em quebra, há mais vagas no superior

Aumento é residual, mas quebra a tendência. Cursos de engenharia e afins, ciências empresariais e saúde são os que mais lugares abrem. Politécnicos defendem maior "ajustamento entre oferta e procura"

Andreia Sanches e Clara Viana

A área de arquitectura e construção perde uma centena de vagas face ao ano passado. Já os disputados cursos de medicina, que estão entre os que têm as notas de ingresso mais altas, mantêm a mesma oferta: 1441. Nas engenharias e afins quase não há variações: cerca de nove mil vagas. E o mesmo se passa a informática – 864. Ou até nos cursos de formação de professores e ciências da educação – 1220. Feitas as contas, há 50.688 lugares nas universidades e politécnicos públicos do país, disponíveis para serem ocupados por novos alunos – mais 133 do que em 2015.

A partir de amanhã está aberta a 1.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior. E o que mostra a oferta disponibilizada nos 1060 pares instituição de ensino/curso é isto: depois de quatro anos (desde 2012) marcados por uma redução, ano após ano, do número de lugares abertos, 2016 é o primeiro a registar um aumento da capacidade instalada, ainda que não chegue às 150 vagas. Trata-se de um aumento residual, sublinham tanto o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), António Cunha, como o presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP), Joaquim Mourato. António Cunha considera, de resto, que o número de lugares disponíveis "é razoável". E acrescenta: "Está ligeiramente sobredimensionado, o que permite que os estudantes tenham mais liberdade para escolher um curso em função dos critérios que considerarem mais pertinentes, o que é positivo."

Para o presidente do CRUP, a questão de fundo actual tem que ver com o número de candidatos que, apesar de uma ligeira subida no ano passado, tem vindo a decair. "O que nós precisamos é de mais gente no ensino superior, como aliás se pode constatar também pelas médias europeias, que são superiores", defende.

Na sua opinião, a existência de mais candidatos passa por garantir, por um lado, que "as taxas de sucesso no secundário sejam mais efectivas", e mais estudantes fiquem em condições de ingressar. Mas também por impedir que questões de "ordem financeira" limitem o prosseguimento de estudos. Para tal, é preciso "alargar o universo de alunos abrangidos pela acção social escolar".

No ano passado, houve 54.450 candidatos ao superior (mais 4390 do que em 2014) nas três fases que compõem o concurso nacional. E estavam disponíveis 50.555 vagas. Acabaram por se matricular cerca de 44 mil alunos.

Também o presidente do CCISP, Joaquim Mourato, considera que é residual o aumento de vagas proposto para o próximo ano lectivo, destacando, em vez disso, que existe "uma estabilização da oferta". O CCISP já expressou, contudo, várias vezes, a opinião de que o "ajustamento entre a oferta e a procura deveria ser maior", lembra. E isto porque "mais uma vez se espera que o número total de candidatos este ano esteja muito abaixo do número de vagas".

"Não foi esse o entendimento do Governo, como não tinha sido do anterior", constata Joaquim Mourato, acrescentando que os politécnicos têm capacidade formativa suficiente para a procura que actualmente existe – uma procura que, nota, não se restringe aos candidatos que concorrem ao concurso nacional de acesso.

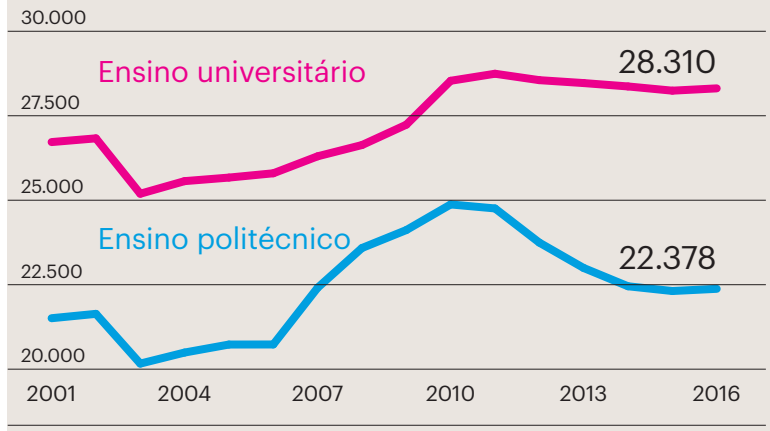
Regras foram cumpridas

De facto, este concurso que agora arranca não é a única forma de entrar no superior. Há outras vias. Dois exemplos: através dos concursos especiais, organizados pelas instituições de ensino, destinados aos maiores de 23 anos que prestam provas especiais; ou mediante os concursos de admissão, também organizados pelas instituições, para quem quer seguir um curso técnico superior profissional (o Ministério da Ciência diz que nos próximos dias será fornecida informação adicional sobre estes cursos).

Há ainda 660 vagas para os concursos locais de acesso – destinados a seleccionar os candidatos a cursos com características específicas, caso

Universidades e politécnicos: vagas por área e

Vagas fixadas para o concurso nacional entre 2001 e 2016



Os 20 cursos com mais vagas e respectivas taxas de desemprego
Em 2016

Instituição - CURSO	Vagas	Nota*	Taxa**
U. Lisboa - Fac. de Direito DIREITO	460	14,18	5,4
U. Coimbra - Fac. de Direito DIREITO	334	14,2	9,7
Esc. Sup. de Enfermagem Coimbra ENFERMAGEM	320	13,78	2,6
Esc. Sup. de Enfermagem de Lisboa ENFERMAGEM	300	13,96	1,1
U. Lisboa - Fac. de Medicina MEDICINA	295	18,05	0,1
Esc. Sup. de Enfermagem do Porto ENFERMAGEM	270	15,35	3,6
U. Coimbra - Fac. de Medicina MEDICINA	255	18,13	0
U. Porto - Fac. de Medicina MEDICINA	245	18,67	0
IP Porto - I. Sup. de Cont. e Admin. CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO	235	14,12	12,5
U. Nova Lisboa - Fac. Ciên. Médicas MEDICINA	231	17,92	0
U. Porto - Fac. de Economia ECONOMIA	223	17,35	6,6
U. Lisboa - Fac. de Farmácia CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS	220	14,88	5,6
U. Lisboa - Inst. Sup. Técnico ENG. ELECTRO. E COMPUTADORES	220	15,98	2,1
U. Nova de Lisboa - Fac. de Economia ECONOMIA	210	17,15	1,2
U. Nova de Lisboa - Fac. de Economia GESTÃO	210	17,3	1
IP do Porto - Inst. Sup. de Eng. ENG. INFORMÁTICA	210	15,17	4,5
U. Porto - Fac. de Eng. ENG. ELECTRO. E COMPUTADORES	200	15,93	3,4
U. Lisboa - Fac. de Letras LÍNGUAS, LITERAT. E CULTURAS	200	13,55	7,4
ISCTE - Inst. Universitário de Lisboa GESTÃO	200	16,3	4,6
U. Lisboa - Fac. de Arquitectura ARQUITECTURA	192	12,83	10,4

Os cinco cursos com nota de ingresso mais alta

Instituição	CURSO	Nota*
U. Porto - Fac. Medicina	MEDICINA	18,67
U. Lisboa - I.S. Técnico	ENGENHARIA AEROESPACIAL	18,5
U. Porto - I. Ciências Biomédicas Abel Salazar	MEDICINA	18,48
U. Minho	MEDICINA	18,32
U. Lisboa - I.S. Técnico	ENGENHARIA FÍSICA TECNOLÓGICA	18,23

* Só são tidos em conta cursos onde em 2015 foram colocados estudantes na 1.ª fase através do contingente geral. ** Rácio entre o n.º de recém-diplomados entre 2010/11 e 2013/14 registados como desempregados no IEFP em Dezembro de 2015 e o n.º total de diplomados nesse período

Fonte: Direcção-Geral do Ensino Superior

cursos com mais oferta

Instituições com mais vagas em 2016

	2012	2016
Univ. de Lisboa	7661	**7651**
Univ. do Porto	4160	**4160**
Univ. de Coimbra	3189	**3189**
Inst. Pol. do Porto	3055	**2989**
Univ. do Minho	2734	**2728**

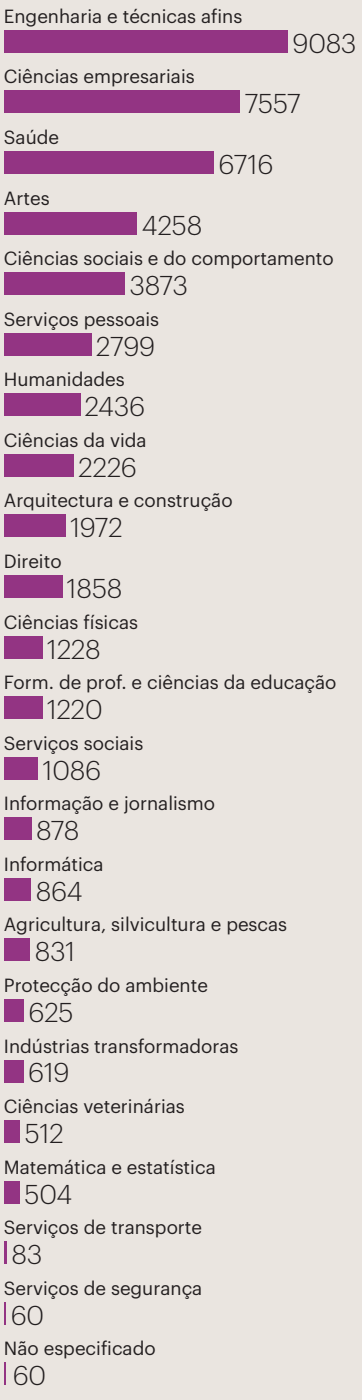
Medicina, um dos mais disputados

Vagas abertas em 2016

Univ. de Lisboa	295
Univ. de Coimbra	255
Univ. do Porto	245
Univ. Nova de Lisboa	231
Inst. Ciências Biom. Abel Salazar	155
Univ. da Beira Interior	140
Univ. do Minho	120

Vagas fixadas para concurso nacional e concursos locais

Em 2016, por área



PÚBLICO

Veja as listas completas

Quantas vagas abrem este ano em cada curso? Qual foi a nota do último colocado em 2015? Compare a oferta de cada instituição

publico.pt/ensinosuperior2016

MIGUEL NOGUEIRA

de Música, Dança, Teatro ou Cinema. Também aqui houve um pequeno aumento (mais 44 lugares).

Apesar de existirem vários cursos, nomeadamente do politécnico, com reduzidíssima procura, Joaquim Mourato garante que todos os que abrem novos lugares cumpriram os requisitos impostos pelo Governo. Requisitos que foram recordados num despacho que o Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior (MCTES) fez seguir em Junho para universidades e politécnicos. A saber: as instituições não poderiam abrir vagas, salvo casos especiais, em cursos em que o número de alunos inscritos pela primeira vez no 1.º ano, tanto em 2014 como em 2015, tivesse sido inferior a dez; cursos em que houvesse, entre os recém-diplomados, elevadas taxas de desemprego não poderiam aumentar a oferta; e, por fim, o número total de lugares em cada instituição não podia "ser superior ao maior de entre a soma das vagas fixadas para os concursos nacional e locais, para essa instituição, em cada um dos dois últimos anos lectivos".

Posto isto, o facto de ter existido um aumento de lugares este ano, ao contrário do que se passou em 2012, 2013, 2014 e 2015, foi, segundo o MCTES, uma "decisão das instituições dentro do *plafond* disponível".

Apenas alguns exemplos de cursos que mantêm o mesmo número de vagas este ano, apesar de pouco concorridos: Engenharia do Ambiente, do Politécnico de Beja, teve no ano passado zero colocados no concurso nacional, mas atraiu 12 novos alunos, segundo dados fornecidos pelo ministério, que lembra, uma vez mais, que há outras vias de entrada no ensino superior; Ciência e Tecnologia Alimentar, do Politécnico de Bragança, teve apenas um colocado no concurso nacional do ano passado, mas acabou por receber 13 "caloiros"; Engenharia Civil, no Instituto Superior de Engenharia da Universidade do Algarve, também teve zero colocados no regime geral,

"O país precisa de engenheiros como de pão para a boca, e há multinacionais que operam cá e não conseguem nenhum"

mas recebeu 14 novos alunos. Resultado: qualquer um deles mantém o número de vagas este ano (23, 36 e 28, respectivamente).

A lista do MCTES mostra ainda o seguinte: a maioria da oferta disponível continua a concentrar-se no ensino universitário (55,9%). As três áreas com mais peso na oferta disponível são engenharia e técnicas afins (17,7% das vagas), ciências empresariais (14,7%) e saúde (13,1%). E faz sentido que engenharia continue a ter este peso? O fim do *boom* da construção civil em Portugal levou a uma redução da procura de engenheiros civis, mas isso não quer dizer que a engenharia seja igual a desemprego, muito pelo contrário, frisa o bastonário da Ordem dos Engenheiros, Mineiro Aires. "O país precisa de engenheiros como de pão para a boca, e há muitas empresas multinacionais que operam cá e que não conseguem nenhum."

Se para a engenharia civil o destino "continua a ser a emigração, noutras áreas a empregabilidade é alta, senão mesmo total", diz. Não é só por isso que defende que o actual número de vagas se mantenha, apesar da redução drástica de candidatos. "Ajustar a oferta à procura seria um suicídio, porque daqui a cinco anos não teríamos engenheiros e um país que não aposta nesta formação compromete o seu futuro."

Outro dos problemas de engenharia tem sido o das disciplinas que funcionam como provas de acesso: Matemática e Física e Química. "Os jovens não devem ter medo destes fantasmas. Não é preciso ser um aluno de 18 para seguir engenharia, mas é preciso saber matemática e física para ter esta profissão", diz.

As candidaturas ao superior fazem-se até 10 de Agosto. Os resultados são conhecidos a 12 de Setembro e segue-se, depois, com as vagas que sobrarem, a 2.ª fase do concurso.

Jovens médicos: o futuro é lá fora

Dramático, incompetência. Estes são os dois termos escolhidos pelo bastonário da Ordem dos Médicos, José Manuel Silva, para definir as consequências da recusa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES) em reduzir o número de vagas dos cursos de Medicina. Ao todo existem 1441 lugares disponíveis, a que acrescem mais 76 de dois cursos preparatórios aos mestrados integrados de Medicina.

"Devíamos avaliar as necessidades do país neste sector, e o Serviço Nacional de Saúde contratar os médicos que formamos. Não estamos a fazer nem uma coisa nem outra, o que é dramático", diz. Consequências?

"Os jovens que escolhem Medicina têm de ter a consciência de que estamos a formar médicos acima das necessidades do país e por isso, embora não só, centenas emigram todos os anos." Mas, alerta, também "têm de estar preparados para não existirem vagas suficientes para a especialidade que escolherem e preparem-se para emigrar de modo a poderem completar a sua formação".

Em 2015 ficaram sem vagas para a especialidade 114 jovens médicos. Este ano, o número subiu para 158. E a situação tenderá a agravar-se, como também já alertou a Associação Nacional de Estudantes de Medicina (ANEM). "Lamentamos a recusa do ministério em reconhecer a existência do problema", comenta o presidente da ANEM, André Fernandes, que lembra que, em Março, a associação enviou ao MCTES um documento detalhado com o retrato da situação. Do mesmo se queixa a Ordem dos Médicos. O seu bastonário conta que pediram uma audiência ao ministro Manuel Heitor, mas também não receberam qualquer resposta. **C.V.**